



OS IMPACTOS DA TRANSIÇÃO DAS AULAS PRESENCIAIS PARA O MODO REMOTO NO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA DOS DOCENTES

Luiz Felipe Amorim Macedo¹, João Matheus Ichiro Saito², Maria Fernanda Piffer Tomasi Baldez da Silva³

¹Acadêmico do Curso de Medicina, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Bolsista PIBIC-MED/ICETI-UniCesumar.
luiiz_amorimm@hotmail.com

²Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. joao.mics@hotmail.com

³Orientadora, Doutora, Docente do Curso de Medicina, UNICESUMAR, Pesquisadora do Instituto Cesumar de Tecnologia e Inovação – ICETI. maria.baldez@docentes.unicesumar.edu.br

RESUMO

A pandemia do COVID-19 modificou grandemente as metodologias de ensino em todo o país, o que culminou na substituição do modelo das aulas presenciais para o modo remoto emergencial. Essa modificação rápida pode ter sido uma experiência docente causadora de malefícios no processo saúde-doença de seus profissionais, assim como é evidenciado pelo mal-estar docente. Este trabalhou visou analisar os diversos impactos na saúde dos professores participantes de tal transição, considerando os efeitos mentais, físicos e profissionais. Para isso, foi efetuada uma revisão literária, a qual perpassou o conceito de mal-estar docente, sua origem e ramificações, e aplicado um questionário, ora presencialmente ora via plataforma do Google, para professores de duas instituições de ensino superior (IES), Universidade UniCesumar (Maringá – PR) e Universidade do Oeste Paulista (Presidente Prudente – SP), escolhidos segundo o critério de ter obtido a experiência de trabalho tanto no modelo presencial quanto no remoto. Então, os dados foram analisados e tabulados por meio de estatística simples por Excel. Após análises dos resultados, comprovou-se que houve uma alteração no processo saúde-doença no que tange a sinais e sintomas como o aumento do estresse, ansiedade, dores musculares, nas articulações e diminuição da acuidade da visão, além da diminuição da satisfação e qualidade laboral.

PALAVRAS-CHAVE: Mal-Estar Docente; Pandemia do COVID-19, Saúde e segurança no trabalho; Medicina do trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A expressão “mal-estar” docente é um conceito clássico compreendido como o produto permanente e de caráter negativo das condições psicológicas e sociais do ambiente profissional da docência (ESTEVE, 1999). Em consonância a isso, com o passar dos anos, tal atividade refletiu gradativamente em uma piora na saúde desses profissionais (FU *et al.*, 2019). Excepcionalmente, no ano de 2020, o surgimento da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) agravou ainda mais a problemática. Medidas de proteção contra a disseminação viral tornaram-se necessárias, sobretudo o distanciamento e o isolamento social (AQUINO *et al.*, 2020). Com isso, ocorreu a substituição do modelo de aula presencial para o remoto emergencial, cujas consequências impactaram, mais uma vez, o processo saúde-doença dos professores.

Complementarmente, mostraram-se como impasses a mudança repentina na dinâmica e didática de aula, problemas de conexão de rede de internet, deturpação do local de trabalho – de escolar para domiciliar –, dispêndio de mais horas em frente às telas e a ausência de preparação técnica para lidar com eletrônicos. Como consequência, o que se observou foi uma alteração na identidade social e pragmática do professor, eventos que depravaram seu condicionamento (AQUINO *et al.*, 2020).

No que tange à inserção dos computadores no contexto escolar, os professores enfrentam um cenário que trouxe aflições relacionadas ao significado do seu trabalho (SIBILIA e OLIVEIRA JÚNIOR, 2012). Neste momento, o professor é obrigado a reinventar a suas metodologias e



reformular seus planos de aula, de acordo com a nova realidade, mesmo sem dominar circunspectamente a tecnologia usada, fato que beneficia aumento de estresse, ansiedade e preocupação. Obviamente, há um aumento do trabalho, uma dificuldade crescente que ratifica a posição dessa classe como uma das mais afetadas por problemas psicológicos e físicos, devidos à necessidade de suas ocupações (BERTOATE e MAILINAUSKIENE, 2012).

É importante ressaltar que os docentes sempre se caracterizaram como uma classe vulnerável diante da incidência de dores musculoesqueléticas, sendo tais desordens umas das mais prevalentes (SANCHEZ *et al.*, 2013). No contexto de isolamento, essa realidade é propulsionada. Com a redução abrupta dos padrões de atividade física, haja vista a redução da necessidade de locomoção do profissional, há uma tendência à sarcopenia, evidenciada pelas dores musculares difusas (GADELHA e LIMA, 2020). Não obstante, a postura inadequada e a digitação exagerada em eletrônicos podem levar a dores crônicas e, em alguns casos, até tendinites nos punhos e mãos (GUTERRES *et al.*, 2017).

O período em frente às telas é outro problema presente na rotina remota, com tempo em frente a eletrônicos aumentado consideravelmente. Os sintomas mais frequentes, relatados por aqueles que usam computadores como ferramenta essencial em seu serviço, são “cansaço nas vistas no trabalho” (47,9%), “peso nos olhos” (38,3%) e “cansaço nas vistas em casa” (38,3%). Concomitantemente, há a diminuição no ato de piscar os olhos, o que os deixa menos lubrificados e, portanto, mais fragilizados. Desse modo, percebe-se uma disfunção da acuidade visual por meio da chamada “Síndrome da Visão do Computador” (SÁ, 2016).

Destarte, com a convocação do ensino remoto, tais problemas se tornam ainda mais evidentes e mostra-se relevante o estudo das esferas envolvida nesse processo. Com isso, para se estudar os efeitos dessas mudanças, é necessário avaliar as consequências atuais e planejar o desenvolvimento de respostas paliativas e definitivas visando a amenização dessa problemática. Assim, tem-se uma forma de defender e resguardar a saúde desses profissionais. Logo, buscou-se, por meio dessa pesquisa, analisar a relação entre esses fatores e o processo saúde-doença da classe estudada no contexto da pandemia do COVID-19, visando a prevenção e a promoção de saúde no ambiente do magistério.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho apresentou-se como uma pesquisa teórica de natureza exploratória e descritiva, resultado de um estudo literário do contexto da transição das aulas presenciais para o modo remoto e sua influência no já existente mal-estar docente, utilizando as bases de dados Scielo e PubMed. De modo complementar, a fim de estudar a perspectiva da classe que, de fato, passa pelos fenômenos estudados, aplicou-se um questionário, presencialmente e por meio da plataforma de Formulários do Google, para os professores que aceitaram fazer parte da pesquisa. Estes profissionais convidados a participar foram provenientes dos cursos de Medicina das IES Universidade Cesumar (Unicesumar – Campus Maringá – PR) e Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE – Campus Presidente Prudente – SP). Para a seleção foi utilizado como critério ter ministrado aulas no modelo remoto emergencial de 2020 e no modelo presencial. Destes, 17 docentes trabalhavam exclusivamente na UNOESTE, enquanto 18 trabalhavam exclusivamente na UNICESUMAR, o restante mantinha vínculo empregatício com outras IES (Vide Gráfico 1).

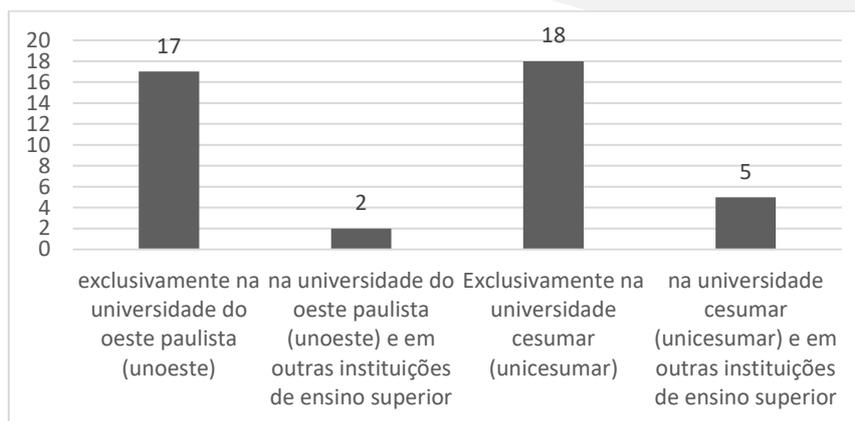


Gráfico 1: Universidades nas quais os entrevistados exercem a docência.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os profissionais só responderam o questionaram mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética da UniCesumar, CAAE número 50970321.0.0000.5539. O questionário contou com perguntas relacionadas aos impactos da transição das aulas presenciais para o modo remoto em seu processo saúde-doença com variáveis sociais (escolaridade, etnia, estado civil e poder aquisitivo) e biológicas (sexo e idade), além de analisar também as características da nova dinâmica de trabalho impulsionada pelo isolamento social e as consequências dessas alterações. Diante disso, no que tange aos impactos de tal transição, a construção das perguntas do formulário foi criada a fim de explorar três esferas: impactos mentais (deterioração da saúde mental, como aumento da ansiedade, estresse e preocupação), impactos físicos (dores musculares, articulares e piora da visão) e impactos profissionais (mudança no próprio desempenho profissional, aumento de atribuições em comparação ao modo presencial e adaptação ao novo modelo). Os dados coletados foram planilhados em Microsoft Excel e os resultados expressos em porcentagem para posterior discussão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa contou com 42 questionários válidos. No que tange à caracterização do público abordado, a maior parte dos docentes encaixava-se no espectro de 36 a 45 anos de idade, sendo a maioria do sexo feminino (69%). Quanto à etnia, mais de 80% se consideravam brancos, enquanto o restante se considerava como negro ou pardo. Em sua maioria (74%) casados, seguidos de divorciados (19%) e solteiros (7%).

Em relação à formação acadêmica e profissional dos docentes, tem-se que 6 possuíam pós-doutorado, 12 possuíam doutorado, 18 haviam mestrado e 6 indivíduos apenas com graduação completa. Desse modo, a mediana do tempo estimulado de exercício da docência se encontra no intervalo de 11 a 15 anos de experiência. Complementarmente, a mediana da remuneração mensal bruta é de 4 a 10 salários-mínimos, considerando o salário-mínimo no valor de 2022. Destes, 40% (17) relataram ter tido diminuição de sua renda bruta pessoal no ano de 2020 em razão das consequências da pandemia do COVID-19, enquanto os outros 60% (25) afirmaram não terem tido sua renda afetada.

Destarte, acerca dos impactos no processo saúde-doença oriundos da alteração das aulas do ensino presencial para o ensino remoto emergencial, vê-se que, embora 9,5% (4) do público questionado tenha respondido que notou uma diminuição de suas atribuições profissionais, 16,66% não notou alterações na concentração de atribuições profissionais e 73,8% dos estudados referiram



que, de fato, perceberam um aumento de sua demanda de trabalho, assim como consta no Gráfico 2.

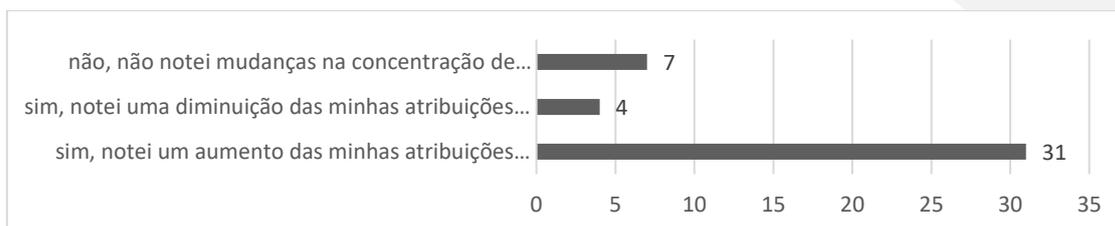


Gráfico 2: Aumento ou diminuição nas atribuições profissionais durante o modelo remoto emergencial em comparação com o modelo presencial.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse sentido, foi necessário que a figura do professor transcendesse os materiais comuns utilizados na sala de aula presencial e iminentemente se adaptasse aos recursos digitais. Quanto a esses recursos, foi pedido para ser estimado em uma escala de 0 a 10 o quão precisa era a sua habilidade com o uso de ferramentas como Google Meet, Zoom e Formulários do Google antes e depois do período do modelo remoto, sendo 0 (zero) nenhuma habilidade e 10 (dez) total conhecimento. Assim, obteve-se uma média aritmética de 3,3 (e moda de 0) para o conhecimento de tais plataformas antes do modelo remoto e uma média aritmética de 8,19 (e moda de 8) para depois do modelo remoto. O aumento dessa nota mostrou uma preparação maior para as novas dinâmicas de aulas, o que justifica o maior tempo de trabalho e a maior demanda de atribuições, uma vez que precisaram procurar novas ferramentas didáticas e cursos preparatórios.



Gráfico 3: Habilidade no uso de ferramentas eletrônicas didáticas, como o Google Meet, Zoom e formulários do Google ANTES e DEPOIS do modelo presencial remoto emergencial.

Fonte: Dados da pesquisa.

Ademais, foi analisado o processo sono-vigília, o qual destaca-se que 50% (21) dos indivíduos entrevistados relataram maior dificuldade para dormir em razão das novas demandas, enquanto apenas 9,5% (4) pontuaram terem tido mais sono que o usual, e o restante (17) afirmaram inalteração no sono. Convenientemente, aproximadamente 50% dos docentes referiram maior ansiedade (22), maior estresse (21) e maior preocupação (22), um provável curso da falta de sono adequado já mencionado. Ainda foram atestadas crises de esquecimento por 16,66% (7) e outras alterações de saúde mental inespecíficas por cerca de 21,5% (9) educadores. Em contrapartida, 9,52% (4) relataram ausência de alterações no que tange à saúde mental.

Não somente a saúde mental foi mensurada, mas também houve necessidade de avaliar a saúde física. Como resultado, verificou-se que apenas 38% (16) dos contatados obtiveram uma maior incidência de cefaleia, enquanto 62% (26) não notaram tal impacto. Sobre as dores musculares, foram ratificadas por 28 (66,66%), haja vista que o local de maior acometimento relatado



por eles foi a coluna dorsal, uma provável causa seria o fato de ficar muito mais tempo sentado diante de computadores e notebooks. Sobre a acuidade visual, foi percebido deterioração, cansaço nas visões e pesos nos olhos por cerca de 55% (23) do público, um distúrbio advindo do tempo em frente às telas.

Por conseguinte, 52,38% (22) dos docentes imputaram uma diminuição em seu desempenho profissional. Destes, 7,14% (3) consideraram-na uma grande redução em seu desempenho laboral. Em suma, 52,38% (22) dos analisados concluíram que houve um decaimento na qualidade de suas aulas, sendo que, dentre eles, 9,52% (4) consideraram-no um grande decaimento. Posto que 40,47% (17) não notaram declínio na qualidade de suas aulas e, ainda, 7,14% (3) relatam que a qualidade do ensino aumentou.

Por fim, obteve-se, então, que 95% (40) profissionais referem terem conseguido se adaptar ao modelo remoto emergencial, ainda que o considerem inferior quanto à produtividade, enquanto somente 5% (2) não afirmaram êxito na adaptação, vide gráfico 4.

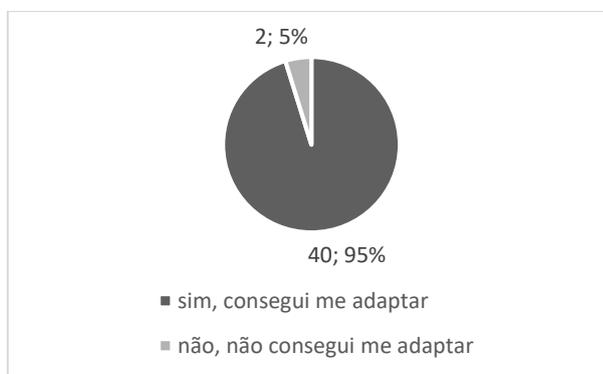


Gráfico 4: Adaptação em relação ao novo remoto.

Fonte: Dados da pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o ensino remoto emergencial empregado em 2020 refletiu no aumento das demandas laborais no que tange à classe docente e, com isso, afetou-os nos pilares saúde mental e física e qualidade profissional. Desse modo, o mal-estar docente já existente é, mais uma vez, propulsionado direta (com impactos no processo saúde-doença) e indiretamente (por meio do desmantelamento da figura do professor, perversão de suas atribuições e ofícios, obrigando-o a se reinventar para cumprir as ininterruptas demandas sociais), uma vez que a identidade profissional do professor é construída por meio da significação social da profissão (PIMENTA, 2002). A partir desse resultado, espera-se que se estude propostas e sugestões que possam melhorar a qualidade de vida de tal grupo e minimizar os acometimentos em seu processo-saúde doença.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Estela M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia do COVID19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, jun. 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320202526.1.10502020>. Acesso em: 20 abr. 2021.



BERNOTAITE, Lina; MALINAUSKIENE, Vilija. Workplace bullying and mental health among teachers in relation to psychosocial job characteristics and Burnout. *International Journal of Occupational Medicine And Environmental Health*, v. 4. n. 30, p. 629-640, 20 abr. 2017. **Nofer Institute of Occupational Medicine**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13075/ijomeh.1896.00943>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

FU, X.; ZHANG, K.; CHEN, Z. (2019). *Blue Book of Mental Health: Report On National Mental Health Development in China (2017-2018)*. China: Social Sciences Academic Press.

GADELHA, A. B.; LIMA, R. M. M. LETTER TO THE EDITOR: Covid-19 quarantine in older people. *Journal of Frailty & Aging*, v. 9, n. 4, p. 244-245, jan. 2020. **SERDI**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14283/jfa.2020.31>. Acesso em: 25 abr. 2021.

GUTERRES, Jayne Luana; SCHMLTT, Francielly da Silva; OLIVEIRA, Lucia Carolina, SIMON, Claudia Silva; LOPES, Anáila Rosário. Principais Queixas Relacionadas ao Uso Excessivo de Dispositivos Móveis. **Revista Pleiade**, v. 11, n. 21, p. 39-45, 2017. Disponível: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/artcile/view/333>. Acesso em: 25 abr. 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, Osvaldo Barreto. SIBILA, Paula. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 61, p. 543-546, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1443-24782015206113>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SÁ, E.C. Síndrome da visão do computador e função visual em trabalhadores usuários de computador de um hospital público universitário de São Paulo: prevalência e fatores associados. **Saúde, Ética & Justiça** (e-ISSN 2317-2770), v. 21, n. 2, p. 72-73. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/134005>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANCHEZ, Hugo Machado; GUSATTI, Natália; SANCHEZ, Eliane Gouveia de Moraes; BARBOSA, Maria Alves. Incidência de dor musculoesquelética em docentes do ensino superior. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 66-75, jan. 2013. Disponível em: <http://www.rbmt.org.br/detalis/70/pt-BR/incidencia-de-dor-musculoesqueletica-em-docentes-doensino-superior>. Acesso em: 25 abr. 2021.